

Documentação
14/9/98 D2
23

Brasil 500 Anos discute destino das sociedades indígenas

Ciclo de 27 conferências será aberto hoje, às 19h30, na Sala Azul do Itaú Cultural, com palestra de Davi Yanomami, e vai até o dia 5 de novembro, sempre às segundas, quartas, quintas e sextas-feiras

CARLOS HAAG

Não é o caso para grandes celebrações, festinhas oficiais ou mesmo a construção de modelos de caravelas. Os 500 anos da existência do País precisam mesmo é de muita análise. Dentro desse espírito, será aberto, hoje, às 19h30, no Itaú Cultural (Avenida Paulista, 149, tel. 238-1700) o ciclo de conferências A Outra Margem do Ocidente, segundo dos quatro ciclos idealizados pelo projeto Brasil 500 Anos - Experiência e Destino, promovido pela Funarte, Ministério da Cultura e pelo Itaú Cultural. A organização do evento, que se prolonga até o dia 5 de novembro, é de Aduino Novaes (leia texto ao lado), coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas da Funarte. O tema dessa nova rodada de palestras são as sociedades indígenas.

Serão 28 conferências, ministradas por filósofos, antropólogos e historiadores brasileiros e do exterior, entre os quais Marilena Chauí, Sérgio Paulo Rouanet, Ronaldo Vainfas, Jacques Meunier, Juan Carlos Estensoro, Manuela Carneiro da Cunha, Leyla Perrone-Moisés, Michael Heckenberger, entre outros. Na programação, estão palestras como: O Mau Encontro, O Princípio da Tirania, Entre Memória e História, O Enigma das Grandes Cidades, A Política do Espírito, O Renascimento Ameríndio, O Bom é o Mau Selvagem, Céu de Capricórnio e Tristeza do Brasi, o Índio e a Fundação do Pensamento Político, a Geometria do Corpo, etc. Abrindo a série, hoje, Davi Yanomami fala sobre O So-

nho das Origens.

As palestras ocorrerão sempre às segundas, quartas, quintas e sextas-feiras, a partir das 19h30, nas salas Azul e Vermelha do Itaú Cultural. Os interessados em se inscrever numa das 310 vagas oferecidas para o ciclo devem procurar a sede do Itaú Cultural, pagando uma taxa de R\$ 30,00, que deverá ser revertida para a Associação dos Amigos da Funarte. Para os cariocas, o evento já começou na sexta-feira e se estende até o dia 3 de novembro, no Palácio Gustavo Capanema (Rua da Imprensa, 16, 5.º andar, tel. 021-297-6116, ramal 246). Os temas e a ordem das apresentações serão

os mesmos nas duas cidades.

Assim como no ciclo anterior, cujo tema era A Descoberta do Homem e do Mundo, tratando da Europa de 1500, as conferências apresentadas serão publicadas em livro pela Companhia das Letras.

O tema central será subdividido em cinco subtemas: o encontro/

desencontro no pensamento dos índios e dos europeus; o poder político do índio; a metafísica indígena; a influência exercida pelo Novo Mundo sobre o pensamento do Velho Mundo; o estágio atual das sociedades indígenas e o que se deve e pode fazer para que a herança fundamental desses povos possa subsistir com dignidade em meio ao progresso, sem a perda da dignidade e da liberdade dos índios. Ou, nas palavras de Aduino Novaes: "Mais do que falar sobre as sociedades indígenas, trata-se de falar de nós mesmo, repensar o político no Ocidente, à luz da experiência selvagem." Imperdível.

EVENTO QUER
REPENSAR A
TRAJETÓRIA
POLÍTICA DO
OCIDENTE À LUZ
DA EXPERIÊNCIA
SELVAGEM



Encontro lança um olhar no passado colonial

ADAUTO NOVAES
Especial

A Outra Margem do Ocidente é o segundo dos quatro ciclos de conferências que, sob o título geral de Brasil 500 Anos, Experiência e Destino, vêm sendo organizados desde o ano passado pelo Ministério da Cultura, por meio da divisão de Estudos e Pesquisas da Funarte, e que serão realizados até o ano 2000. Os quatro ciclos visam a fazer uma revisão de pontos centrais da história do Brasil. Mas por que experiência? Se parece difícil estabelecer relações entre o Brasil e as revoluções experienciais que ocorreram no mundo

a partir de aproximadamente 1500, pode-se, pelo menos, precisar o sentido que o termo experiência adquiriu

para nós: cópia no lugar de invenção política; no lugar da criação permanente do novo, repetição.

Os descobrimentos foram feitos sob o signo da experiência. Em Portugal dominava um pré-racionalismo, detendência empirista, que teve o mérito de romper com o pensamento teológico e escolástico. As navega-

ções foram parte dessa experiência, resultando no que os historiadores denominam Renascimento português, que, em seu desenvolvimento técnico, levou a transformações radicais no modo de pensar e agir.

Mas dessa experiência, o que restou para ao Brasil do século 16? Quase nada: o Brasil nasceu à sombra da Contra-Reforma, da Inquisição e da Companhia de Jesus, que estabeleciam uma relação despótica com a

política e as idéias, contra o pensamento heterodoxo. Portugal inaugurava, pois, uma tradição de desigualda-

de entre as duas nações, com consequências desastrosas para ao Brasil.

Por que destino? Por destino entende-se fatalidade, reservar esta ou aquela sorte à nação e ao povo. Na idéia de destino há uma potência exterior ao homem que regula o curso dos acontecimentos. Sem passado e sem presente, destino é uma maneira de dizer que jamais podemos mudar o presente, porque tudo já está definido nos céus de um futuro glorioso. Essa ficção é teológica, porque resulta de uma ficção divina que nada pode ignorar; é política porque sempre foi apropriada até os nossos dias para manipular vontades e adiar desejos de transformação.

O primeiro ciclo, em 1997, desenvolveu o tema específico A Descoberta do Homem e do Mundo, sobre a situação sociopolítica e econômica da Europa (com ênfase em Portugal), na época dos descobrimentos; agora, o tema a desenvolver pelos 28 conferencistas é A Outra Margem do Ocidente, sobre a questão das sociedades indígenas antes, durante e após a chegada de Cabral, até hoje. Vai concentrar-se nas sociedades indígenas, mas, ao mesmo tempo, busca uma reflexão sobre o impacto do pós-descobrimto nos campos da política, da filosofia e da cultura europeias. O seminário vai recobrir em dois movimentos realidades heterogêneas e distintas: o Ocidente e as sociedades indígenas. Mais do que falar sobre os índios, trata-se de falar de nós mesmos, repensar a política, no Ocidente, à luz da experiência indígena.

Mas, o que um pensamento ocidental busca nas sociedades indígenas? Projeção de uma sombra que anuncia um mundo esquecido? Retomada profunda, busca de um pensamento selvagem, do "ser bruto", primeiro, primordial e, portanto, busca do ser consciente e de seus começos? Na realidade, com a descoberta do outro, ficamos diante de duas humanidades diferentes, uma ajudando a outra a reencontrar-se como humanidade: singular descentramento do olhar, já que olhar diferente já é olhar outra coisa.

Reunião dos mundos novo e velho: descoberta do outro unificou duas humanidades diferentes, uma ajudando a outra a reencontrar-se como humanidade

SÉRIE
COMEÇOU EM 97
E SEGUE ATÉ O
SÉCULO 21